

CASANOVA

LAURENCE BERGREEN

CASANOVA

À VIDA DE UM GÉNIO SEDUTOR

Tradução de
PEDRO CARVALHO E GUERRA & RITA CARVALHO E GUERRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

Para Zata, Jacqueline e em memória da minha mãe

«O amor é três quartos curiosidade.»

— GIACOMO CASANOVA

PREFÁCIO

Hoje em dia, Giacomo Casanova personifica o arquetípico amante latino e há um pouco de Casanova em quase toda a gente. Mas para os seus contemporâneos do século XVIII, o nome Casanova significava outra coisa — o veneziano aventureiro, espião, duelista, jogador, ilusionista e autor de perto de cem romances, poemas e dissertações. Jean-Jacques Rousseau, Voltaire, Catarina a Grande, Benjamin Franklin, Mozart e Lorenzo da Ponte — o libretista de *Don Giovanni* de Mozart e figura extravagante por direito próprio — eram todos amigos e correspondentes. Para eles, Giacomo Casanova personificava o espírito de liberdade e, mais do que isso, de libertinismo — de prazer sexual sem limites. Pensamos na Europa do século XVIII como sendo a Era da Revolução ou a Era do Iluminismo, mas esta foi também a Era de Casanova, o arrivista veneziano que encarnou as suas paixões e prazeres. E pensamos em Casanova como um grande narcisista, embora este tenha desempenhado muitos outros papéis na sociedade, enquanto procurava um lugar que correspondesse à imagem exaltada e frágil que tinha de si próprio. Tratou-se de uma figura genuinamente chocante que, por acaso, também era um génio literário, psicológico e matemático; um mestre da autorreinvenção e da autopromoção; um batoteiro dedicado, burlão e ilusionista que inventou a lotaria francesa (ainda em uso atualmente); e fez de si uma das primeiras celebridades da era moderna.

Porque continuamos fascinados por este indivíduo arrogante, mais de dois séculos após a sua morte? Ele não era bonito, nem tinha boa educação, nem vinha de boas famílias. Não tinha estatuto nem poder. De alguma maneira, este filho pobre de uma atriz transformou-se a si próprio no mais famoso libertino de sempre e numa figura literária de relevo na sua era. A sua vida era tão vivida em cartas quanto

na cama. Casanova é lendário por personificar o arquétipo do eterno romântico, promíscuo, sedutor, no entanto, os seus feitos menos conhecidos, mas igualmente notáveis em matemática e literatura, só foram reconhecidos muito tarde e apenas parcialmente. Partiu corações de Veneza a Paris, passando por Praga. Casanova exaltava as mulheres mesmo enquanto as explorava. Preferia fazer o amor (quanto mais romântico, melhor) em vez da guerra, enquanto vivia as suas fantasias sexuais e românticas. O seu desejo não conhecia limites; este foi um homem que afirmou ter seduzido a própria filha e tê-la atraído para o ver fazer amor com a mãe. Como é que este zé-ninguém temerário acabou por estar ligado às mais belas mulheres e às mentes mais brilhantes da época? Como conseguiu ele escrever a dissertação erótica perfeita? Como é que este filho menos amado e ostracizado se transformou no mais famoso amante da história?

O verdadeiro Casanova (num retrato produzido pelo seu irmão Francesco) tinha uma escassa semelhança com a imagem popular do lendário sedutor. Era alto — pelo menos um metro e oitenta e dois de altura — moreno, ossudo, com uma grande testa e um nariz proeminente que fazia com que parecesse um ganso gigante. Costumava usar uma peruca empoadada, em voga na época, calças de seda justas, chapéu preto de três bicos e um *tabarro*, ou capa, por norma de cor preta, que caía sobre os ombros e era decorado com folhos. O mais espantoso é que os verdadeiros venezianos, e só os venezianos, usavam a *bauta*, ou manto, máscara branca rija, a toda a hora ou quase. Os membros da nobreza, tanto homens como mulheres, usavam máscaras em público e, muitas vezes, em privado. Nos teatros, os porteiros asseguravam-se de que as máscaras estavam no seu lugar, embora os patrícios as pudessem retirar mal a peça começasse. Quando se encontravam com embaixadores por motivos oficiais, os patrícios tinham de usar a *bauta*, tal como os emissários. A fantasia completa era o rosto que Veneza apresentava ao mundo e a si mesma.

As mulheres da República escondiam-se por trás de sinistras *moretta* pretas, uma máscara de veludo mantida no lugar por um botão que prendiam entre os dentes, evitando que quem a usava falasse. (O nome vinha da palavra *moro*, o termo veneziano para a cor preta.) Era também conhecida como *servetta muta*, ou «máscara silenciosa» e era, quando muito, ainda mais estilizada e sinistra do que a *bauta*. Estas fantasias não eram usadas apenas no carnaval nem em bailes. Com algumas

exceções, os venezianos usavam-nas durante todo o ano e as leis venezianas determinavam punições severas para aqueles que violassem o código.

Os homens achavam frequentemente Casanova desconcertante e pomposo. «Achei-o um cepo», escreveu o biógrafo James Boswell depois de se conhecerem. «É um dândi, convencido, inchado pela vaidade como um balão e espalhafatoso como uma azenha», disse o dramaturgo veneziano Pietro Chiari, um feroz rival. Mas as mulheres respondiam ao seu charme, amabilidade e à sua ágil astúcia. Embora estivesse relutante em admiti-lo, Casanova não era completamente heterossexual; sentia-se atraído por homens mascarados de mulher e por mulheres mascaradas de homem. Tudo acerca dele era ambíguo, simultaneamente desconcertante e encantador.

Deitou-se com cento e vinte e duas mulheres, pelas suas contas e, talvez, com alguns homens. Numa sociedade dedicada ao excesso e ao prazer, muitos venezianos celebravam mais conquistas do que as que faziam, mas, ao contrário daqueles outros libertinos, registou todos os pequenos pormenores dos seus feitos em detalhes vívidos, por vezes pornográficos. Neste *Kama Sutra* de Veneza, revelou, com uma exatidão e meticulosidade surpreendentes, os feitos de uma vida, apreciando os seus pequenos pecados, as suas conquistas, reverses e prazeres carnavais. Em busca de vingança devido à sua falta de estatuto à nascença, embarcou na demanda de uma vida para corrigir esse erro, colocando-se a si mesmo em posição de fornicar. Terá usado o sexo como uma arma de destruição de classe, tendo tido oito filhos fora do casamento, cada um deles com uma mulher diferente com quem se recusou casar. Por vezes, comportava-se como um patife, outras, como um génio. Era o arquétipo do mau namorado: irresistível, perigoso, amoral. Casanova não era o único hedonista dedicado da sua época, nem era a figura literária mais brilhante, e não era, certamente, o único vigarista, mas era único a desempenhar plenamente os três papéis.

Embora o lugar de Casanova na história da sensualidade e no conhecimento do amor estejam assegurados, é uma surpresa para muitos que tenha sido uma pessoa de carne e osso, uma figura excepcional do Iluminismo. A sua *Histoire de ma vie*, em doze volumes escritos em francês, representa a mais importante fonte de informação acerca da sua vida e dos seus amores e uma visão caleidoscópica da sua época.

As suas três mil e setecentas páginas, pela bela e firme mão de Casanova, repousam na Biblioteca nacional de França (BnF), em Paris. São uma adição recente. Depois de uma comissão francesa ter declarado a obra um tesouro nacional, a BnF pagou nove milhões de dólares pela compra do manuscrito: a aquisição mais cara da história da biblioteca. Casanova, extremamente vaidoso, teria ficado muitíssimo orgulhoso com esta confirmação do seu lugar central nas letras francesas e na vida intelectual da sua época.

Se o seu épico de sedução, espionagem e ascensão social tivesse sido publicado durante o período em que viveu, teriam chocado os seus contemporâneos e comprometido as vidas e reputações de venezianos proeminentes e de outras personalidades importantes, cujos pontos fracos e escapadelas oferecem uma leitura tão agradável. As transgressões sexuais, até mesmo a sedução da sua filha ilegítima, que pode até ter ficado grávida do filho de Casanova — seu filho e neto — foram aqui reveladas num mundo tão disciplinado como amoral.

Casanova publicou extensamente durante a sua vida. Concluiu um romance de ficção científica de vários volumes; uma história da Polónia, também em vários volumes; traduziu a *Ilíada* para francês; compôs quatrocentos poemas; instaurou uma polémica refutando Voltaire; redigiu perto de duas mil cartas acerca de qualquer ideia que lhe viesse à cabeça; e deixou cerca de três mil páginas de projetos literários inacabados, tudo isto enquanto procurava casos amorosos ardentes e intrigas elaboradas. Era hipersexual e hiperliterário.

A superstição reinava na Veneza de Casanova. Acreditava-se que a magia e o diabo faziam com que as pessoas se perdessem nas ruas labirínticas da cidade ou até que enlouquecessem. Os venezianos reconheciam de modo rotineiro a existência de fantasmas. Até hoje, alguns venezianos juram que quando tocam ligeiramente nas paredes de uma casa, conseguem sentir a presença dos que partiram e ouvir as suas vozes.

A República abrangia cento e dezoito pequenas ilhas numa lagoa ou pântano, colonizadas por refugiados desesperados de Roma, Pádua e de outras cidades pilhadas por invasores nos primeiros séculos da era cristã de Roma. Revoltando-se contra os prelados e generais, estabeleceram o primeiro Doge — um título que derivava de *dux*, o termo

em latim para líder — no ano de 726 e apropriando-se dos ornamentos do império. Em 828, os mercadores venezianos fizeram desaparecer de Alexandria relíquias de São Marcos, um dos Discípulos, e levaram-nas para Veneza, onde ainda se encontram atualmente, na Basílica de São Marcos, o centro espiritual da cidade.

Para lá dos limites da lagoa, o Iluminismo — dedicado à reforma social, ao avanço do conhecimento e à liberdade sexual — fazia circular novas ideias estimulantes pela Europa Ocidental, mas os venezianos rejeitavam, obstinadamente, as influências externas. O Casanova educado e multilíngue criticou claramente Voltaire e Rousseau, duas das figuras preponderantes do Iluminismo. No entanto, poderá ter sido Casanova que Voltaire tinha em mente quando, em 1770, afirmou que a perfeição é inimiga do bem. Casanova estava tão longe quanto possível de ser perfeito; a sua mensagem é uma mensagem de comemoração da exploração sexual como caminho para a realização e para a iluminação. Ainda assim, manteve-se fiel à ordem antiga, familiar e corrupta; preferia a emoção da fuga à responsabilidade da liberdade. Acreditava devotamente em Deus e tinha pena dos que não acreditavam. Mas como um libertino, maçom, epicureu e devoto da Cabala, estava sempre a tentar transpor os limites das instituições venezianas para exaltar o «eu» — e a sua sexualidade. Acreditava em tudo o que lhe passava pela frente: religião, filosofia, magia, ciência e, especialmente, no amor. Apimentou a Era do Iluminismo com sexo e mais sexo. Explorou mulheres descaradamente. Em simultâneo, entregou-se a si mesmo às mulheres que possuía. «Não conquisto, submeto», explicou. Ele exaltava as mulheres para além da razão. Cada um dos casos amorosos era, para ele, um encontro da mente e do espírito, um vislumbre da eternidade e do êxtase.

LIVRO UM
VENEZA

CAPÍTULO 1

ZANETTA

De todas as mulheres da vida de Giacomo Casanova, a sua exuberante e esquiva mãe, Zanetta Farussi, foi a primeira. Era conhecida do público pelo seu nome de palco, La Buranella, um tributo à sua casa ancestral na ilha minúscula e alegre da lagoa veneziana chamada Burano, salpicada de casas pintadas de fúcsia, verde-azulado, amarelo, verde, lima, azeitona e outras tonalidades extravagantes. Dela, Casanova absorveu uma encantadora mistura de artifício, excentricidade e ilusão.

Filha de um sapateiro, Zanetta transformou-se numa atriz de festival e cortesã, a heroína de um conto de fadas para adultos. Veio ao mundo a 27 de agosto de 1707, a filha ilegítima de Girolamo Farussi e da viúva Marzia Baldissara e foi batizada a 4 de setembro na antiga igreja de San Giacomo dell’Orio, no centro de Veneza. No espaço de meses, a pequena família instalou-se na paróquia de San Simeone Profeta e a 31 de janeiro de 1709, os seus pais casaram e mudaram-se novamente, desta vez, para a Calle delle Muneghe, uma zona cheia de gente e exuberante na paróquia de San Samuele.

Aquele inverno foi, alegadamente, o mais frio dos últimos quinhentos anos. A lagoa veneziana transformou-se num bloco de gelo. O gado pereceu, as cristas das galinhas gelaram e caíram, rebentando no ar gélido e os viajantes pereceram. A fome foi ubíqua. Os venezianos resistiram, como sempre. Grande parte da população veneziana, que sonhava subir aos palcos, arranjava emprego como cabeleireiros, vendedores de bilhetes, instrutores de canto e de atuação, ajudantes de teatro e especialistas em iluminação. As suas fileiras engrossavam com arrumadores, bengaleiros e pretensos atores. Os dramaturgos desejosos

de atenção liam os seus guiões a ouvintes indiferentes e os admiradores secretos das atrizes movimentavam-se para verem os seus ídolos. Carlo Goldoni, um estudante veneziano que estudava para o sacerdócio, tentou pela primeira vez adaptar comédias gregas e romanas ao teatro e transformou a comédia física de improviso conhecida como *commedia dell'arte*. As assistências sentiram-se perfeitamente em casa com as figuras padrão do género — Pantaleão, Polichinelo, Columbina — e as suas rotinas impulsivas. Toda a gente sabia o que Arlequim diria antes de as palavras saírem da sua boca, por isso Goldoni deu novas palavras às personagens. Os atores passaram a confiar nos seus diálogos e orientações em palco. Para alimentar a fome da novidade, improvisou os seus guiões numa questão de dias. Os direitos de autor e os *royalties* eram coisas desconhecidas. Quando Goldoni entregou *dezasseis* peças inteiras ao seu agente numa temporada, não recebeu qualquer bónus pelos seus esforços — «Nem um centavo para além do salário anual, nada de nada.» Recebeu ainda assim muitos louvores, mas, comentou, «uma pessoa precisa de mais do que glória para viver».

Entre a agitação, um jovem ator, de seu nome Gaetano Casanova, apaixonou-se por uma atriz chamada La Fragoletta — diminutivo de «morango». Na realidade, esta criatura voluptuosa era Giovanna Benozzi. Por volta de 1713, Gaetano abandonou a sua cidade de onde era oriundo, Parma, para se lhe juntar em Veneza, onde ela geria dois teatros, San Luca e San Samuele, em nome da poderosa dinastia Grimani. Muito mais tarde, Giacomo afirmou ter ouvido que Gaetano, seu pai, tinha começado a sua carreira como bailarino e, depois, se virara para a atuação, «tornando-se mais famoso pela sua integridade de carácter do que pelo seu talento» — um modo diplomático de dizer que não tinha talento.

Algo correu mal na perseguição de Gaetano a La Fragoletta e ela fugiu para Paris com outro grupo de teatro. Ficando para trás em Veneza, Gaetano passou a fazer parte da mobília no teatro de San Samuele, representando papéis em farsas e em pantomimas e estando alojado na Calle degli Orbi numa casa que era propriedade de fabricantes de calçado que alugavam quartos a atores. No conto de Giacomo, o pequeno lar incluía Girolamo Farussi, a sua mulher, Marzia e a sua filha de dezasseis anos, Zanetta.

Gaetano apaixonou-se por Zanetta em 1723 e deparou-se de imediato com resistência. «Sendo um ator», explicou Giacomo nas suas memórias, «[Gaetano] não podia esperar tê-la conseguindo o consentimento de Marzia, sua mãe, ainda menos o de Girolamo, seu pai» que «achava que um ator era uma abominação». Quando Girolamo morreu no ano seguinte, Marzia recuperou o direito de viver a sua vida na Calle delle Muneghe, numa casa que era propriedade de uma obra de beneficência e o principal obstáculo da união de Zanetta com Gaetano foi derrubado. A 24 de fevereiro de 1724, casaram-se na igreja de San Samuele.

Na interpretação dramática de Casanova, os amantes fugiram, com Marzia «protestando ruidosamente» e o seu pai «morrendo de desgosto» pouco depois do casamento, não antes. Na realidade menos teatral, os recém-casados mudaram-se para casa de Marzia, a sogra viúva de Gaetano, que acolheu a sua companhia e compromisso honorável. Por uns tempos, a vida foi tão normal quanto possível para um casal de jovens atores em dificuldades, em Veneza. Gaetano manteve o seu emprego no teatro e Zanetta aceitava, ocasionalmente, pequenos papéis, apesar da sua promessa de abandonar o teatro após o casamento. A jovem e vivaz criada chamou a atenção do dono do teatro, Michele Grimani, que pertencia a uma das famílias mais influentes de Veneza, uma casta muito unida de cerca de quatrocentas famílias. Era, de facto, uma personagem augusta. Os rumores acerca da sua relação nunca cessaram, especialmente quando Zanetta ficou grávida — muito provavelmente de Gaetano.

Casanova escreveu que «nasceu deste casamento nove meses mais tarde, a 2 de abril de 1725» e foi batizado três dias depois. Assim contava o relato oficial das suas origens. Nos seus últimos anos, voltou a abordar o assunto da sua paternidade escrevendo e publicando um longo relato satírico, *Nè amore, nè donne*, afirmando que Michele Grimani, não o perseguido Gaetano Casanova, era o seu verdadeiro pai. Muita da identidade e do legado de Casanova como o galante, sedutor e erudito estão ligados ao enigma da sua paternidade. Se o pai foi, de facto, o humilde e bem-intencionado ator de Parma, a personagem extravagante que o filho criou para si foi um dos atos de maior sucesso de autocracia da época, um desempenho de uma vida inteira que ultrapassou tudo o que ambos os pais poderiam ter imaginado. Mas se o pai foi o aristocrático Grimani, os seus pais nunca poderiam casar.

A nobreza veneziana tinha frequentemente filhos fora do casamento ainda que as regras da sua sociedade impedissem o casamento com os de fora. Se Giacomo Casanova era, de facto, filho ilegítimo de Grimani, pertencia a uma classe de crianças numerosa, mas não reconhecida, e o casamento de Zanetta servia para encobrir a sua indiscrição. De qualquer das maneiras, a criança seria sempre um proscrito, alguém com acesso negado ao mundo rígido e privilegiado da nobreza veneziana. Enquanto permanecesse em Veneza, seria diariamente recordado da sua falta de estatuto. Seria ele um príncipe ilegítimo ou um indigente? Esta crise de identidade animou-o, provocou-o e atormentou-o ao longo dos anos. Casanova viria a passar a vida a tentar convencer e, ocasionalmente, a forçar a entrada no círculo do qual acreditava ter sido excluído.

Inquieta e ambiciosa, Zanetta atraiu a atenção de Goldoni sobre si mesma, que tentava emular a imagem do grande cómico francês do século anterior, Molière. Mas isto era Itália. «Em França», aconselhara-o um encenador outrora, «podes tentar agradar ao público, mas aqui em Itália tens de consultar os atores e as atrizes.» Isso era tão verdade na vida como no palco; em Veneza, as personalidades eram mais importantes do que os costumes e entre as mais atrativas que Goldoni encontrou estava Zanetta. Ele achou-a «bonita e muito talentosa» e conseguiu-lhe um papel de cantora nos seus interlúdios musicais, encantando as audiências com o seu «gosto, ouvido perfeito e execução».

Enquanto fazia uma digressão por Londres, Zanetta deu à luz o seu segundo filho, Francesco, em 1727. Giacomo era o filho que ela deixara para trás em Veneza; o bebé Francesco ficou a seu lado em Londres. Tornou-se no seu preferido, aquele que, mais provavelmente, teria sucesso na vida. E o que seria de Giacomo? Ficou com o papel do descendente esquecido e inconveniente. No entanto, este filho menos amado e abandonado tornou-se no mais famoso amante dos tempos modernos, assim como num génio matemático e da literatura. E Francesco? Tornou-se num artista apreciado da sua época; a sua fama ultrapassou em larga medida a do seu estouvado irmão mais velho.

À medida que se tornava adulto, Giacomo ia-se familiarizando com os contornos da carreira teatral da sua mãe e da sua tentativa de forjar uma identidade própria; ela legou ao filho esta vontade de criar a sua própria identidade. Anos mais tarde, viajou para Londres, Dresden e Praga, as cidades onde ela vivera, amara e atuara, como se estivesse

a tentar captar a sua glória esmorecida. Onde quer que fosse, procurava o rosto, os braços, os lábios, os olhos e o cheiro da sua jovem mãe em todas as amantes que encontrava. Na sua mente, eram todas manifestações de Zanetta, portanto seduziu-as para que o seduzissem a ele.

A história de como este patinho feio desfavorecido se transformou no elegante cisne veneziano conhecido como Casanova é espantosa. Enquanto criança, nunca falava e era considerado um pouco imbecil, destinado ao anonimato. Giacomo, que acabaria por escrever doze volumes de memórias recordando pessoas e acontecimentos da sua vida com um pormenor refinado e cativante, afirmou não ter quaisquer recordações dos primeiros oito anos da sua vida.

Em agosto de 1733, tudo mudou quando o seu «órgão de memória se desenvolveu». E atentem: «Eu estava no canto de uma sala, apoiado na parede, a segurar a cabeça e a olhar fixamente para o sangue que me corria do nariz para o chão. A minha avó Marzia, de quem eu era o animal de estimação, veio até mim, lavou-me o rosto com água fria e, sem conhecimento de ninguém da casa, subiu a bordo de uma gôndola e levou-me até Murano. Esta era uma ilha densamente povoada a cerca de meia hora de distância de Veneza. Saindo da gôndola, entrámos numa cabana onde encontrámos uma mulher idosa sentada numa enxerga, com um gato preto nos braços e cinco ou seis mais à sua volta. Era uma bruxa.»

Marzia conversou com a bruxa em friulano, incompreensível para Giacomo, e deu-lhe um ducado de prata, depois do que «ela abriu um baú, pegou em mim ao colo, colocou-me dentro desse mesmo baú, fechou-o e trancou a tampa, dizendo-me que não tivesse medo». Enquanto permaneceu na escuridão, com um lenço de assoar apertado contra o nariz de onde escorria sangue, ouviu o «riso alternado com choro, gritos, cantos e várias pancadas no baú». A bruxa salvou-o e sujeitou-o a «inúmeras carícias». A seguir, embrulhou-o num lençol, recitou encantamentos, libertou-o e, por fim, deu-lhe de comer; depois, retomou as carícias com um unguento relaxante e vestiu-o enquanto o advertia de que o seu sangramento diminuiria desde que ele não contasse a ninguém qual fora o seu tratamento. Caso contrário, sangraria até à morte. Uma «senhora encantadora» acabaria por visitá-lo e a sua «felicidade dependeria dela».

Regressou a casa com a avó e nessa altura, «vi ou creio que vi», acrescentou com cuidado, «uma bela e resplandecente mulher a descer pela chaminé [...] com uma coroa na cabeça com uma exuberância de pedras que pareciam brilhar com o fogo». Ela sentou-se na sua cama e abriu várias caixas pequenas. «Depois de proferir um longo discurso, do qual nada entendi, e de me ter beijado, partiu como chegou.»

Na altura, Giacomo não contou a ninguém o seu incidente místico. Manteve-o em segredo «no recanto mais secreto da minha memória crescente», para ser revelado anos mais tarde, quando escreveu as suas memórias. Era a sua primeira recordação, e também a mais poderosa, o mito da sua origem, o conto do vigário, o de que o Giacomo em sofrimento ficou novamente saudável por intermédio de uma mulher agradável e resplandecente. «Os medicamentos para as piores doenças não se encontram sempre nas farmácias», refletiu; podem ser encontrados nos mais profundos recantos do cosmos ou do coração. Apesar desta manifestação de uma sensualidade feminina que tanto lhe salvou a vida como lhe reavivou o intelecto em hibernação, manteve-se mais cético do que místico. «Nunca houve feiticeiros nesta terra», explicou, apenas aqueles «capazes de convencer [os outros] a acreditarem que eles o eram.»

Após o tratamento, Giacomo parecia tão desesperado como sempre, «muito má companhia», nas suas próprias palavras. «As pessoas tinham pena de mim e deixavam-me sozinho; toda a gente acreditava que eu não viveria muito tempo. A minha mãe e o meu pai nunca me falaram.» Ainda assim, ressuscitou milagrosamente. A hemorragia diminuiu. A sua mente começou a agitar-se e «em menos de um mês, aprendi a ler».

Com o intelecto vem a desilusão. Três meses mais tarde, recordou Giacomo com um calafrio, ele e o seu irmão mais novo, Francesco, estavam a observar o pai, que tinha desistido de atuar, a trabalhar no seu estúdio de oculista. «Reparei que estava na mesa um grande cristal redondo cortado em facetas.» O quão arrebatador era segurá-lo à altura dos olhos e contemplar «tudo multiplicado». No momento seguinte, «ao dar conta que ninguém me estava a ver, aproveitei a oportunidade para o meter no bolso». Enquanto o seu pai procurava o valioso objeto, Francesco afirmou sinceramente que não sabia dele e Giacomo disse com falsidade a mesma coisa.